

DAS BORDAS (LITORÂNEAS) PARA O FLUXO DA PALAVRA: DIÁLOGOS COM O GRUPO SARAU DAS OSTRAS

Eliane Aparecida Bacocina¹

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo²

Bordando um texto

Escrever sobre bordas...

Bordas (im)possíveis.

Margens, Fronteiras, Pedacos de pensamentos.

Bordas litorâneas... Onde as ondas se movimentam... Onde vivem as ostras... seres que, mesmo fechados em conchas, se abrem... Transformam as impurezas em pérolas.

Bordas da cidade... Locais de passagem... de criação... de poetas....

Poetas que transcendem as fronteiras do lugar. Sarau das Ostras. Grupo que cria... Que diz sim. Que diz não. Poetas das margens.

Bordas da página... Margens do papel... Local onde se registra o que não cabe. Margens dos livros produzidos pelos poetas. Livros de poemas marginais... Trans-bordantes...

(Trans)bordando pensamentos

Pensamentos que não cabem no papel.

Verso que se ouve, que se diz, que se escreve, que se sente.

Verso... Di-verso... Re-verso...

Pensamentos de uma pesquisadora que pesquisa /poetiza... que se

Encanta...

Encontra...

Des-encontra...

Des-territorializa...

Politiza...

Coletiviza...

Em meio a participantes de pesquisa... alunos... amigos... Versos... Encantos...

Este texto constitui-se num ensaio a partir de pesquisa de Doutorado em fase de finalização.

Momento tenso de escrita. Escrita daquilo de que se pode um ponto final.

Ponto final que se quer reticências.

Pesquisa sobre linguagem poética... a partir de uma linguagem que se quer poética.

Participantes: poetas do litoral sul paulista - Grupo Sarau das Ostras: Ludimar. Poeta Fernandes, Nego Panda, RO3P, Abel.

Poetas que se dizem “marginais”.

Materiais de análise:

- Transcrição de diálogos, intitulados “Conversas Poéticas”, realizadas em três encontros.

- Livros de poemas.

No recorte aqui proposto, pensa-se sobre o modo como os poetas do grupo pesquisado se autodenominam: poetas marginais.

Perguntamos: o que é ser marginal?

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: elianeab3@gmail.com.

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: mrosamc@rc.unesp.br.

Leminski tem uma possível resposta – poética:

Marginal é quem escreve à margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe
e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,
sem nunca saber direito
quem veio primeiro,
o ovo ou a galinha. (Paulo Leminski).

Escrever à margem da página em branco...

Passagem...

Escrever na entrelinha...

Pode-se dizer, ainda, que a materialidade das produções escritas “marginais” é singular, carrega particularidades, e ao mesmo tempo é coletiva, evidencia vozes que são de quem escreve e refletem a voz de comunidades que têm em comum revoltas, inquietações. Devires-marginais, como propõem Deleuze e Guattari (2003), quando apresentam elementos daquilo que denominam “literatura menor”: Desterritorialização. Tudo é político. Tudo nela toma um valor coletivo.

Uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa linguagem maior [...] função de enunciação colectiva e mesmo revolucionária: a literatura é que produz uma solidariedade activa apesar do cepticismo; e se o escritor está à margem ou à distância da sua frágil comunidade, a situação coloca-o mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 38).

Construção de uma minoria... linguagem maior... coletiva e revolucionária.

Comunidade potencial.

Outra comunidade potencial. Sensibilidade outra.

Estar à margem da cidade – desterritorialização

Mostrar que se faz literatura nos lugares esquecidos da cidade, como afirma Nego Panda, sobre seus escritos e seu livro:

Quando eu lancei meu livro eu falei que aquele livro não era uma vitória minha, era uma vitória de quem morava na periferia, que não tinha aquele contato direto com o autor ou com a literatura em si. [...] Quando eu fiz meu livro, a intenção era essa, era mostrar que a gente que tá jogado nos confins da cidade, lá na parte esquecida da cidade, também pode fazer literatura.” (Nego Panda, referindo-se ao livro de sua autoria, Poesias de um mundo louco. Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas).

Vitória...

De quem mora na periferia...

Jogado nos confins da cidade...

Parte esquecida...
Também pode fazer literatura.
E faz literatura.
Que literatura é essa?
Literatura que se (des)territorializa / (re)territorializa.
Territórios poéticos...

O BARATO É LOKO – político – coletivo

Assistindo às apresentações do grupo Sarau das Ostras, a palavra – BARATO – contida numa frase / verso, repetida, em várias vozes, desperta a atenção: “O barato é loko”. Baratinadas, vamos perguntar: “Por que é louco esse barato?”

Nas palavras de Nego Panda:

A gente quer falar que o mundo ta louco. O mundo ta um caos. A sociedade ta vivendo em estado de calamidade. Então a ideia da letra é essa. Falta amor no ser humano, então o barato ta louco. O pessoal ta se matando por besteira, agride o outro por causa de 2 reais, o outro mata porque olhou torto, esbarrou no outro, o outro vai lá e dá uma facada. Então, o barato é louco. (Nego Panda. Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas).

E Ludimar, que passou a fazer parte desse barato, por “contágio”, completa:

E aí eu disse que se o barato é louco desse barato eu quero um pouco. [...] Além disso, o meu barato é louco é assim, o barato é participar. O barato é mostrar que tem muita coisa errada. O barato é louco porque eu tenho que ta dentro desse contexto desse barato, pra mostrar que eu não quero ser mais um, quero atravessar a rua. Vamos mexer nesse barato. (Ludimar. Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas).

No encontro seguinte, RO3P, *rapper*, que não esteve presente no 1º encontro, retoma o assunto e fala sobre o seu barato.

O Fernandes tinha falado. “Oh, eu só vou adiantar uma coisa pra você. A Eliane vai perguntar porque que o barato é louco”. [...] Essa música eu tinha escrito. Hoje eu nem canto, mas eu recito ela. [...] e eu até fiquei pensando muito, no dia que o Fernandes falou. A resposta parece até difícil, mas é muito fácil, (...)eu queria ter uma nave espacial pra voltar há anos atrás quando eu tinha 9 anos e eu vi o meu pai morrer na minha frente. Dali em diante é o motivo do barato é louco. Foi dali em diante. (RO3P. Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas)

Resposta que impacta.
Barato que está na vida.
No ato sensível e político de viver.

No constituir-se coletivamente, no estar com o outro, ser contagiado pelos versos, pela poesia que transborda os pensamentos e sentimentos.

Por que escrever?

Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
Preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
Escrevo porque amanhece,
E as estrelas lá do céu
Lembram letras no papel,
Quando o poema me anoitece.
A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.
E eu escrevo apenas.
Tem que ter por quê?
(LEMINSKI, 2002, p. 135).

Poetas dizem porquê escrevem.
Escrever é vida, é verdade, e sentimento.

Ludimar: Por que eu escrevo? Porque eu preciso viver. Eu escrevo porque... nossa, escrever pra mim é uma das prioridades da minha vida. Eu preciso escrever. Assim como eu preciso ler eu preciso escrever. Escrever é o que me faz sentir viva. É o que me faz sentir livre. É o que me faz crescer. É o que me faz me comunicar. Praticamente é tudo. (Ludimar. Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas).

Eliane: E o que é um poema pra você?

Pelé: Uma vida. Uma vida. Ta escrevendo ali um poema. Que nem a Dona Ludimar, o poema tem que ter sentimento. Tem que ter sentimento e verdade. Sem verdade no poema, você ta rasgando uma parte da sua vida. [...] eu acredito que todo ser humano é um poeta, todo mundo tem coisas pra escrever, tem coisas pra viver.

[...] porque eu costumo falar pros meninos a gente somos compositores, somos escritores, a gente não vai parar de escrever nunca, a não ser que Deus venha e: Olha, você não vai escrever mais, toma aí um derrame, você não vai escrever mais porque cê vai morrer... fora isso enquanto a gente tiver ar e condições de escrever. (RO3P. Transcrição do 2º encontro das Conversas Poéticas).

Por trás desse tentar expressar, o devir.

Devir-escritor.

Devir-poeta.

“O devir é o processo do desejo”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 67).

Desejo de escrever...

Desejo de ser poeta.

Escrever porque se precisa viver...

Viver para escrever...

Para não deixar de transbordar...

Reações relatadas nas falas transcritas dos poetas sugerem um transbordamento da linguagem, tal como a escrita que não cabe nas margens da folha de papel, cujos versos o Poeta Fernandes reproduz oralmente num movimento gestual:

[...] às vezes falta fôlego pra falar a frase. Imagina pensar essa frase escrita numa linha só. Não cabe no papel, mas a ideia que passa pra pessoa é que quando eu to falando assim gestualmente eu to escrevendo a frase numa linha só. [...] Esse movimento com a mão, ninguém sabe até hoje porque eu faço esse movimento com a mão ali na hora da apresentação, é porque essa ideia pra escrever no papel... pra que tudo isso que eu estou falando num fôlego só também coubesse numa linha só. (Poeta Fernandes. Transcrição do 1º encontro das Conversas Poéticas).

Das margens de tantas páginas escritas, oriundas das bordas que ladeiam cidades, às fronteiras de um pensamento que se revela fértil, concretiza-se um movimento-fluxo das palavras numa composição poética, singular.

Para onde nos leva?

De que modo flui esse movimento?

Devaneios daí advindos fazem (trans)bordar as margens (im)possíveis do que produz tal linguagem, na qual a própria condição da leitura é, ela também, fluxo de pensamento que se produz... poético.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: para uma literatura menor. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. v. 4. 2. ed.; tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **Ditos e escritos**: estratégia, poder-saber. v. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. p. 144-162.

LARROSA, J. Sobre a lição. In: _____. **Pedagogia Profana**. Porto Alegre: Contrabando, 1998. p. 139-146.

LEMINSKI, P. 1944-1989. **Melhores poemas de Paulo Leminski**. Seleção Fred Góes, Álvaro Marins. 6. ed. São Paulo: Global, 2002.

N. P. **Poesias de um mundo louco**. Praia Grande / SP: Literata, 2011.